

O TRABALHO NA/DA VELHICE**WORK AT/FROM OLD AGE**Marisete T. Hoffmann-Horochovski¹⁴**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo debater o processo de envelhecimento, especialmente a relação entre velhice e trabalho. Desse modo, abordo experiências vivenciadas por integrantes dessa geração, as ações realizadas para ocupar o tempo e a própria permanência no mercado de trabalho, a despeito da aposentadoria. Por meio de memórias de velhos, com mais de 70 anos e residentes em Curitiba/PR, analiso a importância do trabalho na construção de identidades e examino até que ponto sua manutenção e/ou a realização de outras atividades é uma forma de estarem vivos, de manterem os laços, de compartilharem experiências e, conseqüentemente, não se sentirem um estorvo para o grupo social.

Palavras-chave: velhice; trabalho; produtividade e utilidade.

¹⁴ Professora da UFPR (Setor Litoral); Doutora em Sociologia (UFPR) e pesquisadora do grupo Sociologia da Saúde (UFPR/CNPq). E-mail: marihoff@uol.com.br

Introdução

Nos últimos anos o processo de envelhecimento está ocupando um lugar de destaque na sociedade brasileira, devido à redefinição demográfica¹⁵ e as conseqüentes implicações – sociais, econômicas e culturais, entre outras – que ela promove. O aumento das pesquisas em diversas áreas, dos debates e de ações no campo das políticas públicas e também da iniciativa privada, que concedem à temática importância crucial, figuram como exemplo dessa crescente visibilidade.

Num país que até muito recentemente preocupava-se basicamente com os jovens, há esforços significativos de entender o fenômeno do envelhecimento. O silêncio é gradativamente substituído por diversos discursos que dão voz ao velho e que lhe restituem a possibilidade de ação. Suas formas de atuação, as experiências vivenciadas, os conflitos geracionais, as atividades realizadas, as transformações físico-biológicas, a sociabilidade, a situação econômica entre tantos outros, são alvos de profícuas discussões que procuram esclarecer a complexidade do processo e propiciar ao seu protagonista condições dignas de sobrevivência.

Apesar desses avanços, há ainda muito que fazer no que tange à velhice, especialmente no que se refere a romper com discursos estereotipados que apontam para uma suposta homogeneização do processo e que acabam gerando discriminações àqueles que nela não se enquadram. Discursos que idealizam a velhice ativa, “jovem” e saudável ou que a consideram como um período de fragilidade, de descanso e de reclusão. Enfim, que simplificam o processo de envelhecimento menosprezando sua complexidade e singularidade.

Esses discursos, fundamentalmente diferentes, são categóricos na questão da aposentadoria. De um lado, esta reflete um período de novas conquistas e atividades, quando é possível realizar os sonhos e desejos adiados no decorrer da existência; quando se pode desfrutar os prazeres da “melhor” idade. De outro, é um período de descanso, mas também de solidão, quando se vivencia dificuldades de diversas ordens – doenças, problemas materiais e familiares, perdas de entes queridos, dificuldades financeiras, etc – dentro da “última” idade (DEBERT, 1999; BEAUVOIR, 1990; ELIAS, 2001). Ou seja, a ausência de trabalho possibilita a manutenção ou mesmo a construção de uma nova identidade ou, então, promove uma crise identitária na medida em que estabelece uma ruptura com o outrora desenvolvido.

¹⁵ Dados demográficos revelam um crescente envelhecimento populacional, resultante da diminuição da taxa de fecundidade e do aumento da expectativa de vida. No Brasil, a média dessa expectativa em 2007 era de 72,57 anos, sendo 68,82 anos para homens e 76,44 para mulheres (IBGE, 2007).

Uma falsa dicotomia, passível de questionamento, se considerarmos a heterogeneidade presente no processo.

Este artigo não pretende alargar este debate, mas defender que a velhice encerra uma pluralidade de experiências (BEAUVOIR, 1990; BOSI, 2001) e que, por extensão, sua relação com o trabalho, bem como com outras atividades, não é unívoca, nem total. Contudo, ressalta que para muitos dos que integram atualmente a geração de velhos, o trabalho possui uma centralidade nas suas vivências. Relatos de oito idosos – quatro homens e quatro mulheres residentes em Curitiba/PR, com idades entre 74 e 86 anos – que discorreram livremente sobre suas histórias de vida¹⁶, possibilitaram as reflexões aqui expostas.

Velhice e Trabalho: uma Relação Emblemática

Diferentes imagens, às vezes contraditórias, foram construídas em torno da velhice, variando de acordo com o espaço e o tempo de cada sociedade. Imagens que reforçam que ela é uma construção social, apesar de ser, em primeira instância, uma experiência individual. A variedade figurativa permite, no entanto, pensar num ponto de convergência: as condições, materiais e/ou simbólicas, que permitem a organização e a manutenção dos grupos sociais foram decisivas na percepção da velhice e no estatuto conferido ao velho. Em outros termos, parece haver uma relação direta entre as imagens construídas e os conceitos de produtividade e de utilidade, entre velhice e trabalho – considerado aqui em sua amplitude moderna. Busca-se, então, um breve panorama sociohistórico – apesar das dificuldades, sempre aludidas, decorrentes da falta de dados documentais e dos limites etnográficos (BEAUVOIR, 1990) – que possibilite refletir sobre como se processa essa relação na atualidade.

O respeito e a amabilidade que pareciam caracterizar a velhice em sociedades primitivas foram há muito contestados ou, pelo menos, relativizados (DEBERT, 1999; ELIAS, 2001). As diferenças em suas condições de sobrevivência refletem no papel consagrado ao velho. Em algumas delas, onde a subsistência do grupo era central e duramente conquistada, o estatuto outorgado ao velho estava ligado à sua produtividade e utilidade. Quando não conseguia mais trabalhar no sentido de contribuir para a manutenção da

¹⁶ Essas histórias foram coletadas originalmente para a confecção de minha tese de doutorado, que versou sobre memórias de morte de velhos católicos. A importância dada ao trabalho e/ou a outras atividades desempenhadas por parte dos narradores, instigaram a elaboração deste artigo que foi apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, no GT Gerações, realizado em Recife/ 2007.

coletividade era “descartado” (morto ou abandonado) pelo grupo, mesmo que ritualisticamente, pois não tinha mais serventia, era um “peso morto”; a continuidade do social parecia requerer o término de seu tempo individual.

Em outras comunidades, onde a técnica, a magia e a religião eram de extrema importância, improdutividade e inutilidade não necessariamente eram correspondentes. O velho, improdutivo materialmente, poderia ser útil espiritualmente (manipulando os segredos das artes mágicas e/ou se comunicando com seres do “outro mundo”) ou dando “conselhos”, transmitindo as experiências e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência individual. A manutenção da coletividade exigia seus saberes e enquanto fosse capaz de transmiti-los, contribuindo para com o grupo, era respeitado e “poupado”. É claro que o respeito ao velho estava presente em algumas sociedades, a despeito de ser útil ou não (BEAUVOIR, 1990).

Nas sociedades históricas novos elementos são introduzidos na construção social da velhice aumentando sua complexidade. A relação produtividade/utilidade permanece, mas conflitos geracionais e, principalmente, diferenças de classe social se tornam decisivos nas representações produzidas. Na sociedade greco-romana, o velho proprietário, estabelecido na esfera privada, exercia influência significativa na esfera pública. Considerado sábio contribuía para a coletividade que, para se manter, precisava da força e coragem dos jovens guerreiros; havia uma espécie de “equilíbrio” imposto socialmente entre o discurso e a ação, entre a sabedoria e a força, ou seja, entre a velhice e a juventude. É importante destacar que num contexto excludente e escravista, o velho pobre era, parafraseando Elias e Scotson (2000), um *outsider*, que não mais produz ou contribui, tanto que as próprias fontes documentais não fazem menção a ele; o que por si só é conclusivo (BEAUVOIR, 1990).

A sociedade medieval, por sua vez, exalta os valores juvenis de forma clara e precisa, destinando ao velho, principalmente se pobre, um papel para lá de secundário; improdutivo, inútil e fraco é desvalorizado (BEAUVOIR, 1990). Há de se considerar que em tempos antigo e medieval, valorizava-se a política, a guerra e a oração; o trabalho que garantia a sobrevivência material da coletividade era considerado indigno e realizado por escravos “sem alma” e por servos que se dedicavam com afínco, pois temiam um castigo divino; ou seja, era efetuado por pobres que quando envelheciam perdiam qualquer possibilidade de reconhecimento.

O declínio do feudalismo, a ascensão da burguesia, o discurso liberal e a “revolução” científica, começam a alterar significativamente o cenário que ganha novos contornos e é

definido com a industrialização, a consolidação do capitalismo e a urbanização. As mudanças nos hábitos e costumes e o aumento na expectativa de vida devido, principalmente, aos progressos na área médica são fundamentais na nova concepção da velhice. Não obstante, a produtividade e a utilidade, as diferenças geracionais e, especialmente, as de classes ainda são decisivas em sua figuração. “O que falseia as perspectivas é que as reflexões, as obras, os testemunhos que concernem à última idade sempre refletiram a condição dos eupátridas: só eles falam e, até o século XIX, só falam de si mesmos” (BEAUVOIR, 1990, p. 261).

Enquanto o burguês tinha *status* e prestígio, o velho pobre era desvalorizado e discriminado. Triste ironia. Durante sua vida, incorporou o discurso dominante de que o “trabalho dignifica o homem”, possibilitando sua realização e a construção de sua identidade. Mas, ao se tornar improdutivo materialmente, se vê desprovido de qualquer respeito ou dignidade e é abandonado à “própria sorte”. A ética do tempo útil aqui não condiz com a incapacidade de produzir, de criar, de consumir.

No início do século XX o Estado institucionaliza aposentadorias¹⁷ e pensões e, por extensão, atua na demarcação do período da velhice que, simbolicamente, inicia com a retirada oficial do mercado de trabalho. Para muitos isso não significou o fim de uma situação de exploração e pobreza. “Uma decência hipócrita proíbe a sociedade capitalista de se livrar de suas ‘bocas inúteis’. Mas ela lhes concede exatamente o que é preciso para manter-se no limiar da morte” (BEAUVOIR, 1990, p. 299). Para outros, no entanto, a aposentadoria propiciou dignidade os livrando de um estado de extrema pobreza. Independentemente da situação, a velhice passa a representar um período de improdutividade, de rompimento com a identidade construída, de declínio e de dependência (DEBERT, 1999; NERI, 1991).

Nas últimas décadas do século XX, porém, uma representação positiva do envelhecimento – fruto do aumento de estudos e de inúmeras políticas voltadas para esta geração, entre as quais destaca-se o Estatuto do Idoso – concede ao idoso a possibilidade de sentir-se útil, de promover ações, independente de ser ou não produtivo materialmente. Novas etapas são criadas – meia idade, terceira idade¹⁸, aposentadoria ativa – e a aposentadoria deixa

¹⁷ Coutinho (2003) informa que o termo aposentadoria apareceu pela primeira vez na Constituição Brasileira de 1891, mas que estava restrita aos funcionários que, a serviço da Nação, sofriam invalidez. Alguns Decretos, contudo, vão sendo criados para garantir proteção aos trabalhadores. E em 1934 foi criada a “contribuição tripartite: trabalhador, empregador e o Poder Público em igualdade de condições. A Constituição mantinha a competência do Poder Legislativo para instituir normas sobre a aposentadoria; fixava a proteção social ao trabalhador, entre outras” (COUTINHO, 2003, p.06). Mas é na Constituição de 1988 que há inúmeros avanços no que tange à Seguridade Social – Previdência Social, Assistência Social e Saúde – reforçando, entre outros, um interesse jurídico e social pelos interesses dos idosos.

¹⁸ O termo “terceira idade” surgiu na França da década de 1970, com a criação e implantação de universidades para esta faixa etária. Popularizado recentemente no Brasil, abrange além de escolas diversas atividades e

de ser considerada o marco divisor entre a geração de adultos e a de velhos. Dois fatos foram fundamentais para esse processo: 1) muitos aposentados continuam trabalhando; 2) surgiu uma “nova linguagem” destinada ao público de aposentados, que procura criar novas imagens associadas ao envelhecimento, que envolvem formas de lazer, atividades físicas, “manutenção corporal”, etc. Linguagem que afirma que a velhice, antes de ser um período que acena para o fim da existência, propicia o desenvolvimento de sonhos e projetos que não puderam ser desenvolvidos em outras fases da vida (DEBERT, 1999).

Essa nova forma de perceber o processo de envelhecimento é responsável por uma mudança de valores e atitudes do próprio velho e, especialmente, do grupo para com ele. A mais significativa, destaca Debert (1999; 2003), é que a juventude deixa de representar apenas uma geração, um estágio de vida, e passa a denotar um valor específico, um ideal a ser alcançado. Novos símbolos e novas formas de atuação são acionados e o idoso passa a participar da arena política e social como um ator. Mas clichês e discriminações não são estancados; a díade produtividade/utilidade por mais que questionada, continua presente nas elaborações imagéticas da sociedade e nas representações construídas pelo velho, que é o que, agora, nos interessa.

O Trabalho em Narrativas de Velhos

Pensar sobre o trabalho na/da velhice a partir de narrativas de velhos implica, num primeiro momento, considerar a própria arte de narrar como um trabalho. Sua finalidade é transmitir experiências comunicáveis, dar conselhos, rememorar fatos e eventos que marcaram uma época, atribuir significados e sentidos. Um trabalho que pode ser desenvolvido com esmero pelos velhos, afinal quem muito viveu tem muito o quê contar (BENJAMIN, 1993). Suas memórias, atreladas à memória coletiva, possibilitam, através de suas vozes, uma maior compreensão das mudanças e permanências presentes na sociedade (HALBWACHS, 2004; BOSI, 2001).

Independentemente da forma como vivencia o processo de envelhecimento, de desenvolver ou não atividades, o velho assume uma espécie de obrigação social. “Neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função social: a de lembrar. A de ser a

programas voltados para os idosos. Atinge principalmente o público feminino – ao contrário do que ocorre com associações de aposentados – e não possui, pelo menos até agora, conotação “depreciativa” (DEBERT, 1999).

memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade” (BOSI, 2001, p.63). No exercício de sua função passa pela experiência da releitura, posto que não revive os acontecimentos passados “tal como o foram”, mas os refaz a partir da concepção que possui do presente (HALBWACHS, 2004). Assim, a memória é um trabalho de reconstrução das experiências vividas, socializado através da linguagem. Um trabalho que encontra na memória do trabalho, das atividades desenvolvidas em vida, o sentido de uma existência (BOSI, 2001).

A heterogeneidade é a marca dos velhos pesquisados. Suas narrativas encerram uma pluralidade de experiências. Em todas elas, porém, é possível perceber o trabalho como um elemento imprescindível na construção de suas identidades. Em todas elas, a utilidade e/ou a produtividade são elementos que possibilitam o sentimento de pertencimento, de inclusão, fundamental para se sentirem vivos. Foi este sentimento que, aparentemente, os motivou a concederem as entrevistas, por vezes bastante longas; nelas, uma outra possibilidade de serem úteis, de contribuírem para com o grupo social (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

A aposentadoria não significou para esses narradores a reclusão ou o “descanso merecido” após uma vida de trabalho. Seria uma ruptura que promoveria danos irreparáveis; ser-lhes-ia difícil administrar a ociosidade, pois não foram preparados para ela. Todos continuam trabalhando e/ou desenvolvendo atividades artísticas, artesanais ou religiosas; todos se sentem úteis e independentes, consequentemente, ativos e vivos.

As condições econômicas e sociais dos velhos entrevistados são diversas, o que obviamente interfere em suas concepções e em seus processos de envelhecimento, mas não parecem ser determinantes na relação que se estabelece entre trabalho e velhice. O executivo bem sucedido e, hoje, empreendedor de sucesso e o funcionário público que trabalhava (e ainda o faz) como músico nas horas de folga para aumentar a renda familiar são categóricos ao afirmarem que sempre gostaram de trabalhar e que dele extraíram e ainda extraem parte de suas realizações pessoais. Tanto que a despeito da idade, 74 e 76 anos respectivamente, continuam em atividade o que, obviamente, resulta em alguns conflitos familiares.

É a sensação de utilidade que os motiva. O primeiro, com uma narrativa extremamente articulada, afirma que são os desafios que possibilitam o trabalho e a superação das dificuldades: “nós temos que viver com desafios! Sem desafios não se vive, não se progride!” (A., 74 anos). Não se sente velho, mas crê que a idade lhe trouxe mais experiência; acredita que enquanto tiver objetivos e puder labutar para alcança-los será jovem, mesmo que um “jovem” velho. No seu pouco tempo “livre” se dedica à família e a atividade física, ao tênis especificamente, o que lhe permite envelhecer com saúde e disposição. O segundo retira da

música sua disposição e energia que lhe permite contribuir com o grupo social – toca em missas, festas e outros eventos religiosos. Disse que enquanto puder, “enquanto a idade permitir”, continuará tocando, pois isso não só lhe traz felicidade como confere sentido à sua existência. Ambos, mesmo que diferentemente, temem a inatividade, pois ela representaria uma ruptura drástica em suas vidas, abalaria suas identidades e os inseririam dentro de suas concepções de velhice: um período de perdas, inutilidade e dependência. Para quem preserva a autonomia e as atividades, independente de sua natureza, isso poderia representar de fato o que Beauvoir (1990) denominou de “limiar da morte”.

Uma autonomia relativa devido aos problemas decorrentes do envelhecimento, enxerga e ouve mal entre outros, marca a vida de outro entrevistado de 86 anos. De família humilde, com “pouco estudo” que “mal dá pra ler e escrever” conseguiu vencer os desafios e se estabelecer. Jovem ainda resolveu sair da roça e “tentar” a vida na cidade grande, onde se tornou um marceneiro que, através de muito trabalho, viveu dignamente. Em sua memória figura os detalhes de momentos importantes: trabalhos desenvolvidos para uma ilustre família; a construção de um cinema e a reforma de uma farmácia tradicionais na cidade de Curitiba, entre outros. É na memória do trabalho, tal como já enfatizado por Bosi (2001), que encontra o sentido de sua existência e a justificativa para continuar desenvolvendo inúmeras atividades, apesar de suas limitações físicas: corta lenha para utilizar no fogão, faz feira, organiza o quintal e coloca cabos nos coadores de café (de pano) produzidos pela filha que clama, sem sucesso, clama para ele parar de trabalhar. Descanso, em sua leitura, é sinônimo de preguiça, de inutilidade; prefere morrer a ficar restrito a uma existência com tempo ocioso, livre de atividades.

As atividades desenvolvidas também conferem sentido e serenidade ao processo de envelhecimento de um casal de aposentados, mas que continuam trabalhando, além de desenvolver atividades religiosas e físicas. Ela, após aposentar-se como professora primária, passou a dar aula de trabalhos manuais em presídios e manicômios, bem como no SESC (Serviço Social do Comércio) onde atuou por dezessete anos. Atualmente, com 80 anos de idade, continua dando aulas de crochê e tricô em sua residência. Ele jogou futebol profissionalmente, trabalhou e se aposentou na RFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), e, a despeito de seus 83 anos, atua como museólogo em um time de futebol da capital paranaense.

Com a mesma seriedade se dedicam a atividades religiosas, como ministra da eucaristia e coordenador de missa, e utilizam boa parte do tempo “livre” para participar de

reuniões e grupos diversos. Com isso, se sentem úteis, produtivos e importantes para o grupo. São “jovens” velhos que exercitam o intelecto e cuidam do corpo para garantirem uma velhice saudável e independente. “Eu tenho que levantar seis horas da manhã pra acompanhar a madame aqui; levanta que ta na hora, então eu digo: então vamos! Caminhar, fazer caminhada. Ela faz natação também nas terças-feiras, e na segunda, quarta e sexta, nós fazemos caminhadas” (J. 83 anos).

A “agenda lotada” também caracteriza outras duas entrevistadas, de 79 e 80 anos, que moram sozinhas, mas que afirmam não sentirem solidão e sim autonomia. A primeira, separada, gosta de viajar, passear e desenvolver atividades artesanais. Sua narrativa indica que está sempre inovando, inventando, enfim, fazendo coisas novas o que lhe traz muito prazer. É assim que ocupa o tempo e se realiza como pessoa: “Estou sempre fazendo. Eu faço colagem... eu faço coisas de madeira, eu faço toalhas pra lavabo, jogos de toalhas, todos os presentes, eu só não faço os presentes das crianças, esses eu compro, porque criança quer brinquedo” (M. 79 anos). Ativa, se sente jovem, apesar de vivenciar alguns problemas decorrentes da idade e de cair com facilidade. Seu grande receio é perder a autonomia, passar a depender dos filhos; em suas palavras, isso significaria perder a vontade de viver.

A segunda, viúva, se dedica com empenho à igreja e obras de caridade. Trabalha em bailes e bingos beneficentes, arrecada roupas na comunidade para consertar e, posteriormente, doar para creches e asilos. Além do que, frequenta missas, participa de novenas e de outros grupos religiosos. Ágil, lúcida e com muita disposição, ajuda em tudo que é possível na vida comunitária, se sentindo ativa e útil. Para ela, a reclusão e o descanso não só não são desejados, como promoveriam uma crise identitária numa vida sempre movimentada.

Por fim, uma outra narradora apresenta uma situação singular. Ela também se dedica a diversas atividades: religiosas, lúdicas, esportivas. Em seu caso, porém, isso não parece significar uma continuidade e sim uma ruptura. Não que o trabalho não teve a mesma importância, mas ele chegou ao cabo com o crescimento e a independência de seus nove filhos e com a morte de seu marido. Antes, todo o seu tempo era destinado aos cuidados com a casa e com a família. Agora, com tempo disponível encontrou outras formas de se sentir ativa e de driblar eventuais problemas provenientes da idade ou de sua grande família. Com 74 anos, vivencia as alegrias propiciadas pelas atividades voltadas para a assim chamada terceira idade: “Eu vou nos baile, vou conversar, vou passear, vou em excursão, eu adoro isso! Faço ginástica... Eu converso, eu dou risada...”. Bem disposta possui uma liberdade que

outrora não exercia e é declaradamente feliz: “Tem gente que diz era feliz e não sabia. Tu tem que ser feliz, saber que tu é feliz e continuar feliz” (G. 74 anos).

Considerações Finais

Diversas são as formas encontradas pelos velhos pesquisados para garantir a sensação de utilidade e preservar uma identidade que, para além da faixa etária, os define e atribui sentido às suas existências. É isso que lhes permite participar, pertencer a um determinado grupo.

Em suas atitudes, relatadas oralmente, pode-se perceber a influência das imagens construídas socialmente em torno da velhice. Temem a dependência, a perda da autonomia e a solidão; para além da velhice isso significaria, mesmo que simbolicamente, o fim de suas existências individuais. Reforçam as atividades, a utilidade, a capacidade de ação e realização desta etapa da vida sem, no entanto, defender que esta é a “melhor idade”. Conhecem as dificuldades e os problemas inerentes ao processo do envelhecimento – por vivência ou convivência –, mas procuram evitá-los, ou pelo menos adiá-los. Não buscam “rejuvenescer” ou negar a velhice, mas envelhecer com tranquilidade e, acima de tudo, com dignidade. E é o trabalho e/ou outras atividades que lhes propiciam isso e é, por isso, que sua ausência é tão temida (HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2008).

Finalizo essas breves reflexões com as palavras de Beauvoir (1990, p. 661): “Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução – é continuar a perseguir fins que deem um sentido à nossa vida: dedicação a indivíduos, a coletividades, a causas, trabalho social ou político, intelectual, criador”. Ou seja, é continuar ativo, seja através do trabalho e/ou outras atividades, seja através da transmissibilidade de suas memórias.

Referências

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. O narrador. In: **Magia e arte, técnica e ciência**. Obras escolhidas. Vol I, São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, E. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003 – **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**.

COUTINHO, K.J.G. **A velhice na seguridade social**. Artigo de conclusão de curso de Especialização em Direito Previdenciário. Universidade Católica de Goiás. 2003. Disponível em: www.agata.ucg.br/formularios/ucg/institutos/nepjur/publicacoes.asp. Acesso em 14/04/2007.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, G. G. O velho na propaganda. **Cad. Pagu**. Campinas, n.21, 2003. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 11/01/2007.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M.T. Memórias de morte e outras memórias (lembranças de velhos). **Tese de Doutorado**, Curso de Pós-graduação em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2008.

IBGE. **Tábuas Completas de Mortalidade, 2007**. Disponível em: www.ibge.gov.br

NERI, A . **Envelhecer num país de jovens – significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.